

---

## Complexidades Identitárias em Santa Catarina: Análise de Narrativas Jornalísticas Construídas nas Transmissões Radiofônicas dos Clássicos Catarinenses de Futebol<sup>12</sup>

Matheus Simões MELLO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### RESUMO

Este artigo visa analisar como as transmissões radiofônicas dos clássicos de futebol de Santa Catarina constroem narrativas e representações dos cinco clubes mais importantes desse estado. Partimos de duas hipóteses principais: 1) as emissoras radiofônicas das quatro cidades que sediam os cinco clubes mencionados constroem narrativas divergentes entre si, dando ênfase às particularidades e virtudes de sua microrregião; 2) A emoção, associada à rivalidade entre tais clubes, é a principal estratégia comunicativa do conteúdo analisado. Para tanto, integram o objeto empírico transmissões ao vivo das emissoras *Chapecó AM* (de Chapecó), *Eldorado AM* (de Criciúma), *CBN Diário AM* (de Florianópolis) e *89 FM* (de Joinville). Utilizamos como principal procedimento metodológico a Análise Crítica da Narrativa, idealizada por Luiz Gonzaga Motta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Esportivo; Rádio; Futebol; Identidades; Narrativas Jornalísticas.

O aumento do poderio econômico dos principais clubes do mundo vem atraindo a atenção de espectadores e, por conseguinte, da imprensa. Contudo, é importante ponderar que o futebol e suas implicações estão muito além de tais agremiações: localidades futebolisticamente periféricas possuem seus próprios cotidianos e dilemas. No âmbito acadêmico, ainda que pesquisas sobre Comunicação e Esporte que se debruçam sobre equipes de massa e selecionados nacionais tenham trazido avanços importantes, entendemos ser necessário também avaliar cenários regionais e locais.

Levando em conta o que foi proposto no parágrafo anterior, este artigo se propõe a analisar como as transmissões radiofônicas dos clássicos de futebol do estado

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Versão reduzida e traduzida do artigo “Complejidades e identidades en Santa Catarina (Brasil): análisis de las narrativas periodísticas construidas en las transmisiones radiofónicas de clásicos regionales de fútbol”, apresentado na edição de 2018 da conferência da International Association for Media and Communication Research (IAMCR).

<sup>3</sup> Doutorando e Mestre (2015) em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC), e-mail: [senso\\_de\\_humor@hotmail.com](mailto:senso_de_humor@hotmail.com).

---

brasileiro de Santa Catarina constroem narrativas e representações dos cinco clubes mais importantes desse estado: Associação Chapecoense de Futebol (de Chapecó), Criciúma Esporte Clube (de Criciúma), Joinville Esporte Clube (de Joinville) e Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube (de Florianópolis). Duas hipóteses norteiam nossa investigação: 1) as emissoras radiofônicas das quatro cidades que sediam os cinco clubes mencionados constroem narrativas divergentes entre si, dando ênfase às particularidades e virtudes de sua microrregião; 2) A emoção, associada à rivalidade entre tais clubes, é a principal estratégia comunicativa do conteúdo analisado.

Nosso objeto empírico é composto por uma emissora de cada cidade mencionada: *Chapecó AM* (de Chapecó), *Eldorado AM* (de Criciúma), *CBN Diário AM* (de Florianópolis) e *89 FM* (de Joinville). Gravamos 19 transmissões de partidas disputadas entre os cinco times mencionados durante o Campeonato Catarinense de 2018, ou seja, o enfrentamento de cada um deles contra os quatro rivais estaduais.

Esta investigação é desenvolvida através dos preceitos da Análise Pragmática da Narrativa, elaborada por Luiz Gonzaga Motta (2013). O autor sustenta que o procedimento metodológico pode realçar os “dispositivos argumentativos” empregados pelo emissor da informação, possibilitando ao pesquisador alcançar a “dimensão pré-jornalística” e possíveis mensagens de cunho moral e ético. Ainda que Motta não faça referência à utilidade de seu mecanismo para a análise de materiais jornalísticos esportivos, pesquisas anteriores (MELLO, 2016; 2017) indicaram que tal metodologia é de grande ajuda para verificações de tal natureza.

Este texto está dividido em três seções. Primeiro, listamos alguns episódios históricos do futebol catarinense, das cidades e dos respectivos clubes aqui analisados, relacionando-os com questões de identidade. Em seguida, refletimos acerca das interações entre a emoção o radiojornalismo esportivo e o futebol. Por fim, apresentamos os resultados provenientes das análises.

### **Futebol em Santa Catarina: Trajetória e Identidades**

A trajetória do futebol em Santa Catarina é permeada não só por questões específicas à modalidade, mas também por aspectos políticos, econômicos e

demográficos. Mas antes precisamos refletir sucintamente sobre aspectos teóricos condizentes às identidades e suas implicações. Alguns autores que visam atentar seus olhares às identidades (HALL, 2005; SILVA, 2004) dão evidência à heterogeneização da composição identitária ao mesmo tempo em que identificam um processo inverso, que reforça as especificidades de identidades locais e regionais, classificado por Santos (2002, p. 1) como “regresso ao comunitarismo”.

Considerando que o futebol é agente de destaque das identidades na América Latina (RINKE, 2007, p. 86), os dois processos referidos acima também são observados na modalidade mais popular do mundo. Enquanto o número de aficionados de clubes europeus aumenta no Brasil, nascem movimentos de resistência que proclamam a luta contra o que se entende como “futebol moderno”. Toledo e Campos (2013) centram seus olhares sobre agremiações de divisões inferiores do futebol brasileiro e identificam o crescimento da rejeição aos indivíduos que apoiam o clube local e outra equipe de âmbito nacional ou internacional, o que ele denomina como “bifiliação clubística”. A vista disso e considerando as características do panorama futebolístico barriga-verde a serem expostas a seguir, consideramos o futebol catarinense como um objeto fecundo para análises tangentes ao futebol, às narrativas jornalísticas e às identidades.

Graças a fatores políticos, econômicos, históricos e demográficos, o estado de Santa Catarina possui particularidades. Para os fins deste artigo, destacamos algumas: a) diferentemente de outros estados brasileiros, Santa Catarina não tem uma grande metrópole, sendo composta por pelo menos cinco microrregiões pujantes política e economicamente; b) assim como os demais estados da região Sul, o processo de consolidação da colonização é mais tardio e mais heterogêneo (italianos, alemães, suíços e portugueses predominantemente). Como consequência, essas microrregiões desenvolveram suas próprias tradições, gostos, expressões e sotaques distintos.

Centremos nossos olhares nas quatro cidades abarcadas por nosso objeto empírico. Florianópolis, capital catarinense, possui forte colonização portuguesa e é polo turístico e o centro administrativo do estado. Ainda que sua região metropolitana concentre cerca de um milhão de habitantes, Joinville é a cidade mais populosa (cerca de 550.000 pessoas). Com colonização majoritariamente germânica, Joinville se situa no Norte é o maior polo industrial catarinense. Já Criciúma está localizada no Sul do

---

estado e é referência no setor de cerâmica e extração mineral. Por fim, Chapecó está acomodada na região Oeste do estado e tem na agroindústria sua principal fonte de recursos. Tais cidades são protagonistas nas disputas das instâncias políticas do estado e, também, no futebol.

Para esclarecermos a trajetória do futebol em Santa Catarina, tomemos como base a cronologia do principal torneio futebolístico do estado: o Campeonato Catarinense. A primeira edição do certame foi disputada em 1924, ano de fundação da Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (atual Federação Catarinense de Futebol). Já na década de 1930, surge o primeiro choque de interesses: os clubes de Joinville não estavam satisfeitos com o modo como a então Federação Catarinense de Desportos (sediada em Florianópolis) conduzia o futebol estadual. Líderes dos principais times joinvilenses criaram a Associação Catarinense de Desportos (ACD), que pretendia assumir o controle das competições futebolísticas em Santa Catarina.

A partir daí, a hegemonia do futebol catarinense transitou majoritariamente pelas quatro cidades analisadas. Nas décadas 1930 e 1940, domínio de Florianópolis. Nos anos 1940 e início dos anos 1950, Joinville desponta com quatro títulos. Entre a metade da década de 1950 e os anos 1960, Criciúma é protagonista. Entre 1976 e 1985, Joinville acumula oito títulos consecutivos. No início dos anos 1990, Criciúma volta a vencer campeonatos. Nos anos 2000 e 2010, Chapecó e Florianópolis possuem as campanhas de maior destaque. Talvez por tais ascensões e declínios no decorrer dos anos, uma das principais saídas encontradas para manter o futebol local forte foi a união de forças clubísticas municipais em prol de um bem maior: a projeção da cidade no cenário futebolístico estadual e até nacional.

O fenômeno de fusão/ união de agremiações foi desenrolado em vários municípios catarinenses. A título de curiosidade, por exemplo, somente cinco das quatorze cidades que possuem equipes de futebol na primeira e na segunda divisão do campeonato catarinense (Florianópolis, Joinville, Blumenau, Tubarão e Itajaí) são representadas por mais de uma associação esportiva. Se levarmos em conta apenas o Campeonato Catarinense de 2018, com exceção da capital Florianópolis, somente Tubarão contou com mais de um clube, algo que não acontecia desde 2007. Nota-se, portanto, que o principal torneio futebolístico do estado é um ambiente de disputas

---

lúdicas entre as principais cidades, cujas atenções se voltam para um ou no máximo dois clubes.

No caso de Joinville, o Joinville Esporte Clube (também conhecido como JEC) é a equipe mais popular e importante da cidade. Fundado em 1976, é resultado da união dos departamentos de futebol profissional dos até então maiores times e rivais joinvilenses: o América FC e o Caxias FC, que passavam por graves crises financeiras. O JEC viveu seu principal momento logo nos dez primeiros anos de sua história, acumulando oito títulos estaduais e participando constantemente da primeira divisão do campeonato brasileiro (tendo como melhor campanha um oitavo lugar em 1985). Desde então, a equipe mescla bons e maus momentos. Atualmente disputa a terceira divisão nacional (Série C) e não vence um campeonato estadual desde 2001.

Criciúma viveu caso similar: a cidade contou com agremiações fortes como o Esporte Clube Metrópol e o Comerciário Esporte Clube, mas optou por reunir a paixão futebolística dos criciumenses em torno de uma única equipe, o Criciúma E.C.. O Tigre (como é popularmente conhecido) surgiu em 1978 e acumula dez troféus do Campeonato Catarinense. O momento mais importante de sua história foi a conquista da Copa do Brasil de 1992, feito jamais repetido por outro clube barriga-verde até hoje. Atualmente disputa a segunda divisão (Série B) do campeonato brasileiro.

Por sua vez, Chapecó não contava com equipes de relevância estadual até a criação da Associação Chapecoense de Futebol (1973). Fruto da união do Atlético Chapecó e do Independente, a Chape (como é conhecida) possui seis títulos estaduais e tem como momento mais importante de sua existência a conquista da Copa Sul-americana de 2016, único título internacional do futebol catarinense. Está na primeira divisão brasileira desde 2013. Hoje em dia, é a associação esportiva mais bem estruturada do estado, ainda que tenha passado por um dos episódios mais tristes da história do futebol mundial em 2016<sup>4</sup>.

A trajetória futebolística em Florianópolis, ao contrário do que foi exposto acima, manteve a rivalidade entre duas equipes: o Avaí e o Figueirense. Indubitavelmente, estes formam o principal dérbi de Santa Catarina. Interessante

---

<sup>4</sup> Queda do voo LaMia 2933, que matou jogadores, membros da comissão técnica, dirigentes, jornalistas e empresários da referida empresa aérea.

---

atentarmos a como tal rivalidade seguiu viva, ainda que não haja uma resposta concreta e definitiva para tal questão.

Ambos surgiram em períodos semelhantes. O Figueirense foi fundado em 1921, enquanto o Avaí teve sua reunião inaugural em 1924. Os dois começaram mandando seus jogos no já demolido estádio Adolfo Konder, à época propriedade do governo estadual. Ainda que os dois tenham conquistado títulos e notoriedade até a década de 1940, é nesse momento que o Figueirense toma uma decisão fundamental para que ambos seguissem tendo papel de destaque no futebol catarinense: os alvinegros começam a construção do estádio Orlando Scarpelli, localizado na parte continental de Florianópolis. Com isso, o Avaí passa a ser único mandante do estádio Adolfo Konder, estabelecendo-se desde então na região ilhéu da capital, já que a Ressacada, atual estádio do Avaí e inaugurado em 1982, também se situa na Ilha de Santa Catarina.

Pode-se perceber, então, que a distribuição geográfica de Avaí e Figueirense representa as duas principais regiões de Florianópolis: a) a Ilha de Santa Catarina, polo turístico e centro administrativo da cidade e do estado; b) a parte continental, onde se concentra a Região Metropolitana de Florianópolis. Acreditamos, assim, que este é um dos motivos que conservaram a rivalidade futebolística da cidade. Hoje em dia, os dois disputam a segunda divisão do futebol brasileiro (Série B) e, juntos, acumulam 34 títulos estaduais (o Figueirense tem 18, enquanto o Avaí tem 16).

A trajetória futebolística catarinense, assim como as particularidades culturais de cada microrregião do estado, também nutriram relação importante com os meios de comunicação. Nesse contexto, o rádio se apresenta como um dos principais ambientes para a difusão dos torneios futebolísticos do estado.

### **Rádio, Jornalismo Esportivo e Emoção**

A relação entre emoção e a cobertura jornalística de esportes é um dos pontos centrais de discussão em torno do jornalismo esportivo, independentemente da mídia usada na veiculação dos conteúdos. No Brasil, a interação entre ambos está presente desde os primeiros passos desse segmento do jornalismo, seja para enaltecer vitórias de

determinados clubes ou privilegiar pontos de vista acerca de temas de dentro e fora das quatro linhas. A partir dos anos 1950, quando o modelo norte-americano de se fazer jornalismo desembarcou em terras brasileiras, os relatos emotivos – não só na cobertura esportiva, mas também em outras editoriais – começaram a ser rechaçados e aprisionados, quando não totalmente excluídos, em colunas de opinião e crônicas esporádicas.

Importante recordar, entretanto, que o conceito de objetividade, um dos ideais centrais oriundos dos Estados Unidos, refere-se ao processo e aos métodos de apuração e não à finalidade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, pp. 116-117). Assim sendo, acreditamos que o respeito a parâmetros éticos e profissionais do jornalismo não impede que os jornalistas esportivos tenham que relegar a emoção por completo, visto que ela está presente naqueles que estão envolvidos com o acontecimento esportivo (atletas, técnicos, árbitros, torcedores...). Ou seja, construir um produto jornalístico composto por elementos emotivos não significa necessariamente se distanciar do bom jornalismo ou ser irresponsável (MELLO, 2015, pp. 67-68).

Além disso, salientamos que a emoção não está somente presente naqueles textos ou transmissões nas quais os emissores nitidamente se envolvem emocionalmente com o que estão relatando. Materiais *a priori* objetivos, imparciais e isentos carregam pistas do que jornalistas e público sentem. Tais vestígios podem ser pequenas escolhas léxicas, ângulos de vista, enfoque utilizado, a voz ou até mesmo expressões corporais (os dois últimos referentes aos produtos jornalísticos veiculados em meios audiovisuais). Escancarados ou envernizados, os traços emotivos são estratégias comunicativas muito presentes nos produtos jornalísticos esportivos. Escarafunchá-los, assim, pode nos aproximar da dimensão “pré-jornalística” identificada por Motta.

Interessante notar que, no caso do rádio esportivo brasileiro, a emoção se faz mais presente, tanto nos programas de debate quanto nas jornadas ao vivo. Schinner (2004) elaborou um manual voltado àqueles que querem ser locutores esportivos. Nessa obra, elencou a emoção como um dos principais requisitos necessários para o desempenho da função (SCHINNER, 2004, pp. 79-81). Junto com outras características como informação e carisma, o locutor (e os demais profissionais envolvidos na cobertura radiofônica de esportes) cria conexão direta com o receptor, geralmente envolvido emocionalmente com uma das equipes protagonistas do confronto irradiado.

---

A interação entre informação, carisma e emoção pode ser construída a partir de determinados estilos de locução. Soares (1994) agrupa os mais variados modos de falar em uma transmissão radiofônica esportiva em duas escolas principais: a) denotativa, na qual o profissional utiliza do primeiro significado inerente à determinada expressão para se referir aos elementos do jogo (a bola, a rede...); b) escola conotativa, na qual o jornalista associa novas expressões aos modos de designação de tais elementos (a redonda ou a redonda, o véu da noiva ou o barbante).

Essas definições acabam por, de certa maneira, dialogar com as três instâncias da linguagem esportiva propostas por Castañon Rodríguez (2005), que são: a) técnica, inerente às terminologias específicas do futebol; b) de difusão, condizente às adequações para a transmissão do conteúdo; c) literária, relacionada à criação de “mensagens com interação artística” (CASTAÑON RODRÍGUEZ, 2005, p. 4)<sup>5</sup>.

Interessante perceber que tais escolas/instâncias não são excludentes, pois interagem e se mesclam a todo o momento no discurso dos jornalistas envolvidos na transmissão. À medida que os fatos vão se desenrolando dentro das quatro linhas que definem o campo, os jornalistas acabam por pender para determinadas escolhas léxicas dependendo da natureza dos lances/jogadas. Mas, de modo geral, as expressões adotadas são coloquiais e de fácil compreensão para quem está ouvindo. Abreu (2001, pp. 3-5) dá evidência à apropriação por parte dos profissionais do rádio esportivo de frases ou gírias oriundas das ruas, ao mesmo tempo em que Marques (2002, pp. 18-19) destaca a apropriação de termos e expressões condizentes ao futebol em outras situações do cotidiano.

Através dos recursos e escolhas mencionadas nos últimos parágrafos, os jornalistas que irradiam o acontecimento esportivo criam uma sensação de oralidade com o receptor. Em suma, a oralidade é uma estratégia para aproximar emissor e receptor, ainda que não estejam efetivamente interagindo com o outro. O sentimento de proximidade é tanto que por vezes o ouvinte até discute com o radialista, mesmo que o receptor tenha consciência de que não está sendo ouvido. Com isso, os jornalistas que participam de jornadas esportivas no rádio – especialmente narradores e comentaristas – são agentes de destaque. Os mais conhecidos, quando trocam de emissora, fazem grande

---

<sup>5</sup> Tradução minha.



---

parte da audiência migrar junto e, por isso, são muito disputados no mercado de trabalho.

Nesse sentido, assim como tais profissionais alcançam um número elevado de pessoas, podem induzi-las em determinadas opiniões e até estereótipos. Podemos ilustrar tal afirmação com a reflexão proposta por Rojas Torrijos (2010, pp.322-328) acerca do vocabulário belicista usado nos produtos jornalísticos sobre futebol. Conforme o autor, tais utilizações podem gerar ou até catalisar possíveis animosidades. Outro exemplo oportuno é a inserção de estereótipos na construção da imagem do rival no caso Brasil *versus* Argentina, como expressam Helal e Lovisolo (2007).

A vista do que foi exposto neste item, podemos constatar que o envolvimento da emoção com as transmissões radiofônicas esportivas gera implicações e reações, sobretudo se levarmos em conta a projeção e o alcance que algumas delas possuem. O caráter informal e uso de expressões coloquiais e gírias presentes em nossa vida diária podem fazer com que receptores compartilhem e retransmitam não só a emoção transmitida, mas também opiniões, condutas e até estereótipos. Nesse sentido, podemos pensar em dois caminhos, não necessariamente excludentes: a) a absorção e reprodução de mensagens, emoções e estereótipos transmitidos pelo jornalista esportivo para os ouvintes; b) a absorção e reprodução de informações, sentimentos e estereótipos disseminados entre os habitantes de determinada região (país, estado, cidade, bairro...) pelo jornalista esportivo.

Tendo em vista o cenário exposto no último parágrafo e as especificidades do estado de Santa Catarina, as transmissões radiofônicas das partidas dos principais clubes da região, tendo como ápice os clássicos estaduais, serve de criação e reafirmação não só da rivalidade entre as associações esportivas, mas também entre as cidades. Processo que, é preciso ressaltar, reforça tanto as delimitações da identidade da localidade conterrânea à emissora quanto as dos adversários.

Antes de nos concentrarmos nos resultados provenientes da análise de nosso objeto empírico, é preciso ressaltar que a exacerbação da emoção para com o clube local pode ser uma qualidade apreciada pela audiência, que inclusive condena quando o jornalista esportivo não se envolve emocionalmente com a associação esportiva

---

conterrânea, fenômeno identificado em investigação anterior (MELLO, 2016) e classificado como “parcialidade às avessas”.

### **As Coberturas Radiofônicas dos Clássicos Catarinenses**

Antes de focarmos exclusivamente nas coberturas dos clássicos catarinenses, entendemos ser pertinente esboçar um quadro da cobertura radiofônica de esportes nas quatro cidades aqui analisadas. De acordo com Deschamps (2016, pp. 23-29), o Criciúma Esporte Clube é o que conta com o maior número de emissoras irradiando seus jogos: quatro em Criciúma e três em localidades próximas. Já Chapecó abarca cinco estações radiofônicas que transmitem os jogos da Chapecoense. Curiosamente, as duas maiores cidades do estado, Joinville e Florianópolis, têm o menor número de emissoras que cobrem as equipes locais: quatro e três, respectivamente.

Quanto às transmissões da joinvilense *89 FM*, nota-se níveis emocionais bastante explícitos. O epicentro emotivo da irradiação é o narrador Charles Fischer, também conhecido como o “narrador terremoto”, que frequentemente se recusa a narrar gols dos adversários do JEC e sempre se insere como torcedor ao conjugar os verbos na primeira pessoa do plural. No decorrer da investigação, aliás, Charles admitiu que mais torce do que narra (FRONZI, 2018). Além disso, é interessante notar que Charles Fischer utiliza expressões do idioma alemão em meio à narração, fazendo alusão constante à colonização germânica de Joinville. Outro ponto que merece destaque é o slogan da *89 FM*: “uma rádio joinvilense de verdade”. Considerando que as outras três emissoras que irradiam as partidas do JEC são pertencentes à cadeias radiofônicas forasteiras, percebe-se que a origem joinvilense da *89FM* é enxergada como uma virtude, como algo que a diferencie positivamente das demais.

No que tange à rivalidade, observamos que os profissionais da *89 FM* são mais enfáticos ao mencioná-la durante os confrontos contra Avaí e Figueirense, estes majoritariamente referidos como “clubes da capital”. Na contramão de tal percepção, verificamos que o clássico contra o Criciúma Esporte Clube foi classificado pelo repórter Gabriel Fronzi como “o maior clássico de Santa Catarina” (FRONZI, 2018), alcunha que será problematizada adiante.

Se compararmos os níveis emotivos presentes na cobertura radiofônica, *Chapecó AM* se encontra um degrau abaixo da *89 FM*. No entanto, o envolvimento dos jornalistas

responsáveis pela irradiação com a Chapecoense é bastante evidente. Todos se inserem como torcedores da referida agremiação, conjugando os verbos na primeira pessoa do plural. O afeto, aliás, é estendido aos jogadores que defendem o clube de Chapecó, sendo estes muitas vezes designados como “nosso garoto” ou “nosso menino”. Além disso, verificamos a tentativa dos profissionais da *Chapecó AMi* em associar as vitórias da Chapecoense ao município e à região Oeste do estado, o que confere à Chapecoense um papel aglutinador dos habitantes locais.

As rivalidades são tratadas pelos jornalistas da *Chapecó AM* de maneira similar ao que ocorre na *89 FM*. As referências às rivalidades são mais recorrentes e claras nas transmissões das partidas contra Avaí e Figueirense, aqui também recorrentemente referidas como “da capital” ou “de Florianópolis” (TOMASI, 2018a; 2018b).

Ainda que sem traços emotivos tão evidentes como nas duas emissoras já mencionadas neste item, *Eldorado AM* não precisa escancará-los para que possamos identificá-los. Em que pese à autoinserção dos jornalistas como torcedores do Criciúma Esporte Clube, é na entonação de voz, mais do que em qualquer outro aspecto, que a emoção está inserida. Durante o Campeonato Catarinense de 2018, o Criciúma amargou uma série de derrotas e lutou contra o rebaixamento até as últimas rodadas. Tal desempenho refletia diretamente na voz dos profissionais envolvidos, que mostravam evidente desânimo após os insucessos perante os rivais. No confronto contra o Avaí, por exemplo, os criciumenses foram derrotados por um gol a zero, o que resultou no relato inconformado do narrador Dante Bragatto Neto, que repetia: “*Nós perdemos mais uma, nós perdemos para o Avaí*”<sup>6</sup> (BRAGATTO NETO, 2018). Diferentemente do que verificamos na *Chapecó AM* e na *89 FM*, não há variações evidentes de rivalidade para um clube ou para outro.

Antes de prosseguirmos, entendemos como necessário dar evidência a um aspecto importante: graças à já mencionada série de derrotas sofridas pelo Criciúma no Campeonato Catarinense 2018, os jornalistas da *Eldorado AM* teceram críticas ao time por diversas vezes. Quase todas elas precedidas de uma frase que explicitava o afeto desses indivíduos pela referida agremiação, como se tal demonstração de envolvimento afetivo com o clube fosse indispensável para criticá-lo com mais veemência. Toda essa cautela pré-crítica nos parece ser mais um indício de “parcialidade às avessas”, conceito expressado no final do item anterior.

---

<sup>6</sup> Grifos meus.

---

Por fim, com relação às irradiações da florianopolitana *CBN Diário AM*, verifica-se o menor nível emotivo encontrado, o que pode ser explicado pelo fato de Florianópolis situar duas agremiações de destaque e os jornalistas terem de cobrir ambas as equipes. Prova disso, por exemplo, é que os comentaristas (Rodrigo Faraco e Roberto Alves) não declaram abertamente para quem torcem. Nos confrontos de Avaí e Figueirense contra os rivais interioranos, pudemos averiguar um leve aumento nas lembranças de rivalidade nos duelos contra o Joinville Esporte Clube, majoritariamente designado como “Joinville” nas quase quatro horas de cobertura das duas partidas (SERAFINI, 2018a; 2018b).

Atentando nossos olhares especificamente à irradiação do dérbi entre Avaí e Figueirense, pudemos constatar que nenhuma inclinação emotiva foi verificada. Nota-se a importância do confronto para a *CBN Diário AM*, que destinou o dobro de profissionais para a cobertura do confronto. Diferentemente do tratamento dado pelas emissoras radiofônicas interioranas, a designação geográfica utilizada para se referir a avaianos e alvinegros não diz respeito à cidade (“da capital”, “de Florianópolis”), mas sim da localização de seus estádios no município (“Furacão do Estreito” para o Figueirense, “Leão da Ilha” para o Avaí). Outro aspecto a ser salientado é a recorrente classificação do dérbi florianopolitano como “o maior clássico de Santa Catarina” durante a transmissão (SERAFINI, 2018c).

### **Considerações Finais**

Antes de tecermos algumas conjecturas, é necessário ponderar que a análise de tais áudios, referentes a uma única edição do Campeonato Catarinense de futebol, não traz resultados taxativos e concretos sobre a postura das emissoras nas transmissões, nem se pode estendê-las às demais empresas não investigadas nesta pesquisa. No entanto, podemos esboçar algumas suposições e caminhos que poderão ser comprovados ou contestados nas próximas investigações dessa natureza.

Nossas análises indicam que os profissionais envolvidos em todas as transmissões, com variações de grau e intensidade de uma emissora para outra, reforçam as particularidades de seus respectivos municípios e/ou regiões. Isso ocorre através de expressões, pelo sotaque específico de cada localidade. Virtudes e associações às

---

potencialidades de cada região, contudo, só foram encontradas em uma das quatro cidades (Chapecó).

Além disso, pudemos comprovar que a emoção é a principal estratégia comunicativa de tais transmissões, independentemente do nível de nitidez dos realces emotivos (que foram mais explícitos em Joinville e bastante sutis em Florianópolis).

Deve-se destacar que todas as partidas foram classificadas como clássicos de Santa Catarina, o que testa a importância dos confrontos não só para os torcedores envolvidos, mas também para as localidades que sediam tais associações esportivas. Quanto à inserção dos profissionais como torcedores, somente Florianópolis – talvez, lembremos, por ser o único dos quatro municípios que possui dois times de igual relevância – não adota tal postura.

Outro ponto interessante é que a alcunha de maior clássico de Santa Catarina aparece em duas partidas diferentes: Joinville *versus* Criciúma e Figueirense *versus* Avaí. Notamos, portanto, que há duas linhas de pensamento em choque: a) da capital Florianópolis, que é a única que abriga dois ‘grandes’ do futebol catarinense e o município com mais títulos estaduais; b) do interior, representados por Joinville e Criciúma, as duas maiores potências futebolísticas dos anos 1980 e 1990 e os maiores vencedores de competições nacionais em Santa Catarina.

Finalmente, ressaltamos dois caminhos passíveis de investigações de maior fôlego. Primeiro, há evidências de que o fluxo da rivalidade possui uma intensidade maior no sentido interior-capital do que no sentido capital-interior. Segundo, que as emissoras das cidades interioranas (Chapecó, Criciúma e Joinville) delimitam de maneira mais clara o “eu/nós”, inserindo-se como torcedores e usando da emoção como principal estratégia comunicativa para fazê-lo, enquanto a capital (Florianópolis) se preocupa mais em delimitar o “outro” – nesse caso, os rivais do interior.

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. B.. **Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito** – o discurso do radiojornalismo esportivo. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24, Campo Grande, MS, 2001.

---

BRAGATTO NETO, D. (Coord.). Criciúma 0x1 Avaí. Apresentado por Dante Bragatto Neto. Criciúma: Rádio Eldorado AM, 4 fev. 2018, 17h. Duração 2h 30min.

CASTAÑON RODRÍGUEZ, J.. Universidad, Comunicación y Lenguaje Periodístico del Fútbol en América y España, **Revista Digital Universitaria**, v.6, n.6, 2005.

DESCHAMPS, J. P.. **Detalhe!** A evolução da atividade de repórter no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo). 66f. Instituto Superior e Centro Educacional Bom Jesus/Ielusc, Joinville, SC, 2016.

FRONZI, G. (coord.). Criciúma 2x1 Joinville. Apresentado por Charles Fischer e Jota Deschamps. Joinville: Rádio 89 FM, 14 fev. 2018, 20h30. Duração 2h 30min.

HALL, S.. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HELAL, R.; LOVISOLO, H.. **Jornalismo e futebol: argentinos e brasileiros ou do “odiar amar” e do “amar odiar”**. ENCONTRO DA COMPÓS, 16, Curitiba, PR, 2007.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T.. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MARQUES, J. C.. **A Falação Esportiva: o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol**. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, Salvador, BA, 2002.

MELLO, M. S.. **Hermanos y cercanos, pero no mucho: estudo comparativo entre os jornais Lance! e Olé durante a cobertura da Copa do Mundo de 2014**. Dissertação (Mestrado). 219f. Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós- graduação em Jornalismo, Florianópolis, SC, 2015.

\_\_\_\_\_. **Complexidades identitárias em Santa Catarina: delimitações e apontamentos preliminares sobre futebol e imprensa em Joinville**. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, São Paulo, SP, 2016.

\_\_\_\_\_. **Força, Chape?! Narrativas da rivalidade futebolística em jornais catarinenses antes e depois da queda do voo LaMia 2933**. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, Curitiba, PR, 2017.

MOTTA, L. G. F.. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora da UnB, 2013.

RINKE, S.. ¿La última pasión verdadera? Historia del fútbol en América Latina en el contexto global. **Iberoamericana**, v.2, n.27, pp. 85-100, 2007.

ROJAS TORRIJOS, J. L.. **Bases para la formulación de un libro de estilo de última generación.** Construcción de un modelo teórico válido para los medios deportivos escritos y digitales en lengua española. Tese (Doutorado). 501 p. Universidad de Sevilla – Facultad de Comunicación, Sevilla, 2010.

SANTOS, B.. **Os processos da globalização.** 2002. Disponível em: <  
<https://www.eurozine.com/os-processos-da-globalizacao/>> Acessado em 8 de maio de 2018.

SCHINNER, C. F.. **Manual dos locutores esportivos.** São Paulo: Editora Panda, 2004.

SERAFINI, M. (Coord.). Transmissão simultânea – Figueirense 1x0 Joinville e Criciúma 0x1 Avaí. Apresentado por Paulo Branchi e Salles Jr.. Florianópolis: Rádio CBN Diário AM, 4 fev. 2018, 17h. Duração 2h 30min.

SERAFINI, M. (Coord.). Joinville 0x2 Avaí. Apresentado por Paulo Branchi. Florianópolis: Rádio CBN Diário AM, 4 mar.. 2018, 17h. Duração 2h 30min.

SERAFINI, M. (Coord.). Figueirense 1x1 Avaí. Apresentado por Paulo Branchi. Florianópolis: Rádio CBN Diário AM, 11 mar.. 2018, 17h. Duração 2h 30min.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOARES, E.. **A bola no ar** – o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

TOLEDO, L. H.; CAMPOS, F.. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora, **Revista USP**, v.?, n. 99, pp. 123-138, 2013.

TOMASI, M. (Coord.). Figueirense 0x0 Chapecoense. Apresentado por Fábio Schardong e Herter Antunes. Chapecó: Rádio Chapecó AM, 14 fev. 2018, 21h45. Duração 3h 30min.

TOMASI, M. (Coord.). Chapecoense 1x0 Avaí. Apresentado por Fábio Schardong e Herter Antunes. Chapecó: Rádio Chapecó AM, 18 fev. 2018, 17h. Duração 3h 30min.